



externato
champagnat
HUMANISMO E EXCELÊNCIA



A Voz do Champagnat



Número especial
Sem censura



Humanismo
e Excelência

Memórias da minha escola

No século passado, no tempo da ditadura em Portugal, a escola era lugar pouco estimulante e não muito agradável.

A arquitetura da mesma era estereotipada, com Bandeira no centro do recreio, onde todas as manhãs nos perfilávamos para cantar o Hino Nacional.

Depois em fila, vestidas (os) com bata branca, íamos para a sala.

Esta era sempre monotonamente igual: paredes brancas, crucifixo, retrato de Salazar e mapa de Portugal na parede, armário com sólidos geométricos.

Sentados nas carteiras com tampo de madeira, ali ficávamos calados a ouvir do alto do estrado a professora que destilava matéria.

Apesar de viver em África tínhamos de saber de cor, os rios, regiões e caminhos de ferro da Metrópole e das Colónias.

Em cima da secretária da professora, uma régua e uma "menina de 5 olhos" em madeira, para reforçar o poder da professora, usadas nas mãos de quem se atrevesse a falar, questionar ou pura e simplesmente não soubesse a resposta quando questionado.

Tudo era cinzento de modo a formatar cérebros e personalidades. Livros iguais que passavam de geração em geração.

Eu, criança, apercebia-me pela conversa dos adultos do que era proibido dizer e fazer. Os discos e livros proibidos.

As palavras interditas. A falta de Liberdade.

Mesmo na noite mais triste,

Em tempo de servidão,

Há sempre alguém que resiste,

Há sempre alguém que diz Não! (Trovas do vento que passa de Manuel Alegre)

E houve sempre alguém que resistiu.

Alguns (poucos) professores, tal como Maria Rosa Colaço, que em cada 1º dia do ano que começava, mandava um aluno deitar fora a régua e a "menina de 5 olhos"; que enchia os dias na sua sala com poemas, música no gira-discos, lendo livros que não se podiam; estimulando o pensamento livre das crianças e realizando a educação pela arte, as exposições e as paredes enfeitadas com poemas e pinturas das crianças.

Nós, nas salas ao lado, tínhamos inveja do que naquela sala se passava e vivia.

Mas ali, na nossa sala, tentávamos que o dia passasse depressa, para a "chaticice" e o tédio terminarem!

Maria Manuel Colaço Lemos

No meu tempo de escola

Publicamos hoje, na íntegra e sem censura, o artigo da prof. Fernanda Torres, recordando os seus tempos de liceu.

Quinta-feira, 2 de Maio de 1968

O dia acordou frio apesar de estarmos a pouco mais de um mês do Verão. Tenho que me preparar para ir para o liceu mas não me apetece nada vestir esta saia. Mas por que razão não podemos usar calças? É proibido, dizem elas (as profs) e se a reitora te apanha? Claro que não apanha, eu nem me posso aproximar do portão – a contínua corria comigo. Que raiva, dá muito mais jeito usar calças para brincar, pular e até saltar o muro para passar para o jardim sem nos verem. A bata, vá lá, suporta-se, só a temos de vestir à entrada do portão. Mas os soquetes!!! Parecemos as meninas do colégio das freiras. Podemos usar as meias de vidro mas... com soquetes! Mas que idiotice!

Tenho que me dedicar à geografia, dê lá por onde der; com 9 no primeiro e 10 no segundo, se não tiro agora outro dez para conseguir os 29 estou feita! Coitados dos que tiveram 8-8, agora vão ter que tirar 13. Os 29 são tramados! E os nossos colegas que já estão na faculdade, se chumbarem um ano, deixam de ter adiamento e vão “bater com os costados” para a guerra em África.

Ontem, dia 1 de Maio, foi dia do trabalhador, diz-se! No sábado, nos escuteiros, estivemos a falar sobre o assunto. O padre Zé Fialho falou-nos sobre a história do dia primeiro de Maio. É muito importante este dia para os trabalhadores e devemos lutar para conseguir isso para o nosso país. Temos de ter cuidado quando falamos sobre estes assuntos. O pai de uma amiga foi preso pela pide porque falou mal do governo e um colega dele ouviu e “bufou”. O meu tio Francisco já várias vezes foi parar à prisão por este motivo. Temos de ter cuidado pois sei que há colegas que são filhas de elementos da pide e fazem queixa, nunca sabemos com quem conversar sobre o assunto ou de quem nos está a escutar. Ainda ontem os meus pais me avisaram. Estas conversas são para ter em casa mas cuidado quando estamos com estranhos. Mesmo com os conhecidos devemos desconfiar. Há um rapaz com quem gosto muito de falar sobre estes assuntos. Está no mesmo liceu que eu, mas só nos encontramos pelo caminho até ao liceu. Entramos por portas diferentes e nem nos encontramos nos recreios nem nas aulas – meninas para um lado meninos para o outro. Parecemos macaquinhos enjaulados que se observam pela rede. E que a Sra. Joaquina nem nos apanhe próximo da rede que nos leva à reitora. Grande “bufa”. Qualquer dia meto-lhe um sapo no gabinete dela. Está convencida que é a chefe máxima do pessoal mínimo.

Na terça-feira, quando saí do liceu e me dirigia para casa, vi uma coisa que me deixou furiosa. Na escola primária do bairro, estava um miúdo à janela com umas orelhas de burro na cabeça. Estava com ar tão triste que fazia pena. Fiquei com uma raiva. Quem seria a besta que teria feito tamanha barbaridade. E este procedimento era bastante frequente. Os meus “lobitos” queixavam-se das escolas deles, das orelhas de burro (na janela ou de pé virados para a parede), das palmatórias e coisas no género. Do cimo do seu estrado, com aqueles vestidos quase até aos pés (meio da perna, pois parece mal) com um cheiro de pouca lavagem, que sempre me agoniou, devem sentir muito importantes. E ainda continua tudo como dantes (quando eu andava na primária), começa-se com o hino nacional, entra a professora e todos se levantam – Bom dia Sra. Professora, boa tarde Sra. Professora, ... A professora sai e quando volta – levantar, bom dia Sra. Professora. Entra a directora, Bom dia Sra. Directora. Irra, tanta vénia! O que é que nos querem ensinar?

Bem, por agora é tudo que se faz tarde. Se não saio a correr chego tarde à aula. Esta é de Português e é com uma professora muito boa de quem eu gosto muito e sabe explicar muito bem os assuntos. Tenho que entrar antes do segundo toque pois senão apanho falta e já nem entro. Ainda se houvesse uma sala de alunos! O que vale é a biblioteca, refugio-me lá e ou leio ou estudo; gosto muito de lá estar! Mesmo que se queira ficar sossegada a trabalhar no átrio vem a Sra. Joaquina e corre conosco. Mas como é português, vou a correr. Até logo!

P.S. – É hoje que vamos pregar a partida ao professor de francês. Sempre que entra na sala, com o seu jornal na mão, bate várias vezes em cima da mesa da secretária e levanta uma nuvem de pó de giz. Nós que estamos à frente fartamo-nos de espirrar. Ele até é boa pessoa e ensina bem mas tem um ar sebento e sujo e depois de sacudir o pó de giz dirige-se à janela que dá para um pátio e escarra lá para baixo, horrível. Durante o intervalo, eu que sou a mais magra e ágil (que jeito faziam hoje as calças!), vou saltar para este pátio e escrever no chão aquilo que combinámos, de modo a ver-se da janela da nossa sala – “NÃO ESCARRE, SEU PORCO”.

Fernanda Torres

No meu tempo de escola

A minha infância na Escola Primária, nos inícios da década de 90

Iniciei a Escola Primária com 6 anos, como a maior parte das crianças da minha altura. Muito nervosa lá ia sozinha e a pé, até às instalações da minha escolinha. Edifício do modelo do Plano dos Centenários lançado pelo Estado Novo, era um modelo típico e adaptado às condições locais (no meu caso, Loures). A minha escolinha tinha muito espaço para brincar, um edifício principal com duas frentes e outro como anexo. As salas de aula eram espaçosas, tinham um quadro enorme de ardósia e era raro termos à nossa disposição o giz; isso acontecia sempre que éramos chamados pela Senhora Professora. Sim, nessa altura, a professora era tratada com todo o respeito que merecia, era ela que nos ensinava tudo o que precisávamos de saber, e não podíamos contrariá-la, nunca! Na minha altura ainda havia o crucifixo por cima do quadro, todavia não me recorro da existência de retratos de personalidades da nossa História nas paredes.

Lembro-me de gostar muito da minha professora, ainda me recorro do nome dela e do cheiro característico sempre que chegava de manhã, tão perfumada! Vinha sempre muito carregada com a sua pasta castanha e "gasta", e gostava de nos dar os "bons dias". Achava-a muito simpática, mas intimidadora. Com a idade que eu tinha e a timidez que persistia em não me deixar nem por nada, gostava de ficar caladinha no meu canto e só responder quando fosse realmente preciso, ou melhor, exigido. Não gostava de ir ao quadro e ficava muito ansiosa sempre que tinha de o fazer. Não com medo da palmatória ou da reguada, pois o único objeto que nos intimidava era uma cana de dois metros. Para nós, a cana era gigantesca!

O que mais recorro com saudade é dos momentos de festa, principalmente no Dia de Magusto. Toda a Escola se reunia nas traseiras do edifício principal, era colocada uma fogueira e todos juntos cantávamos alegremente as cantigas ensinadas pelas professoras e ainda comíamos castanhas. Com todo o encantamento, dávamos as mãos uns aos outros em roda e podíamos extravasar, contudo **só** até onde nos deixavam, sem nunca abusar da confiança dada pela professora; bastava o seu olhar.

Ainda ficou bem presente na minha memória os momentos de ditado de textos. Nesses momentos tínhamos de estar muito concentrados e sem perder o "fio à meada", não podíamos deixar de acompanhar a leitura da professora, sempre muito apressada, senão corríamos o risco de nos perder. Até porque não havia repetição, nunca! Lembro-me de sermos bons em ortografia, e, por isso, adorava os momentos de ditado.

Tive a sorte de conviver com muitas culturas diferentes de amigos e de ter uma única professora desde a 1ª à 4ª classe do ensino primário. Professora essa que tive a oportunidade de ver ainda há pouco tempo, numa freguesia do concelho de Loures. A sua postura já não é a mesma. Enquanto a minha memória a recordava nova, cheirosa e alta (pelo menos bem mais alta que nós!), pelo contrário o presente mostrou-me uma senhora bastante frágil e com uma estatura baixa. Tudo isto e ainda mais recordações da minha infância moldaram-me enquanto pessoa e profissional que sou e apaixonada por aquilo que faço. Sou professora porque amo!

23 de abril de 2014, Ana Mendonça

Os meus tempos de escola

Frequentei a escola primária em Odivelas, já me era familiar, pois a professora da minha irmã mais velha gostava muito de mim e convidava-me a passar algumas tardes com a sua turma.

Mas mesmo assim o meu começo não foi nada fácil, tinha cinco anos e assim que entrei na sala de aula chorei muito e não queria ficar. Mas com o passar do tempo lá me fui habituando, a minha professora chamava-se Maria do Céu, ensinou-me a escrever e a ler, não me lembro do meu primeiro livro, mas lembro-me que no início pinteí muitas letras, tais como o i de igreja, e também as picoteí assim como às respetivas imagens.

Aqui ficam de algumas histórias engraçadas: lembro-me de haver uma assistente da professora que era da cidade do Porto e quando nos fazia ditados trocava o "b" pelo "v", resultado, toda a turma fazia imensos erros e para nos castigar dava-nos com uma cana na cabeça.

Mas as boas recordações ficam, os piqueniques com a nossa professora, os meus amigos que me chamavam "Xaninha pequenina", as brincadeiras e as cambalhotas no parque da escola, o lanche que a minha avó me ia levar no intervalo ao recreio, o cheiro das secretárias de madeira e do álcool das máquinas de copiar à manivela. Enfim acho que tive uma "primária feliz" !

Abril, 2014, Alexandra Viana



Memórias da D. Aninhas (professora primária da minha mãe)

Lemos livros, revistas, jornais que certamente muito nos ajudam quando queremos recuperar tempos que não vivemos ou que vivemos em tenra idade e que deles temos pouca memória. Mas, a recolha ao vivo, olhos nos olhos, com sorrisos, emoções...faz-nos sentir absolutamente impregnados nos tempos que queremos conhecer e dar a conhecer.

É uma dessas recolhas que gostaria de partilhar convosco a propósito de uma entre muitas outras memórias da minha mãe quando andava na escola primária. *As escolas eram todas iguais e as salas de aula também. Todas tinham carteiras de madeira e o sítio com um tinteiro. Nelas havia a fotografia de Salazar e não faltava o crucifixo.*

A minha professora primária chamava-se D. Ana Pina Natal, era solteira (uma solteirona para a altura) e já não era muito nova. Era muito exigente e não dispensava a sua régua com alguma grossura, nalguns momentos, no entanto, havia outros que me lembro dela carinhosa.

Havia um dia que para nós alunas era absolutamente fascinante, era o dia 18 de maio, dia do seu aniversário. Vivia D. Aninhas, como era conhecida, numa casa (que hoje se chamaria "condomínio fechado"), com um jardim muito bonito que era comum aos que viviam ali, cerca de quatro famílias. Voltando ao dia do seu aniversário... todas as alunas da D. Aninhas, eram convidadas para um belo lanche no maravilhoso jardim e brincavam com toda a alegria própria da sua idade. Quando chegávamos e enquanto descia as escadas, cantávamos uma música: D. Aninhas venha abaixo ao seu jardim venha ver... dedicada à professora que ora nos dava reguada, até o carrapito se desmanchar, ora nos acarinhava, bem como nos apoiava para o nosso tão temido Exame admissão.

Maria João Correia

Antes de ...

Quando eu entrei na escola, na época dizia-se primária, ainda Craveiro Lopes era o Presidente da República. Aquilo que mais me marcou a memória era o facto de ao sábado termos aulas especiais de manhã, em que se iniciava cantando o Hino Nacional, depois fazíamos uma brincadeira tipo militar, em que todos tínhamos que estar na posição de sentido, depois com as mãos atrás das costas tínhamos que cantar o Hino da Mocidade Portuguesa e o nosso professor, que vim a saber mais tarde não recebia ordenado durante os meses de Julho Agosto e Setembro por estarmos de férias, mas que apesar disto tudo era um grande defensor das virtudes do Estado Novo, uma vez por mês mandava-nos raspar as carteiras com pedaços de vidro, de modo a estarem sempre limpas.

Mais tarde já no Liceu, era sempre um regime austero e lembro-me de um colega meu, ter sido suspenso dois dias pois foi "apanhado" na estação de comboios a cerca de 500 metros do Liceu a dar um beijo a uma colega que tinha a bata do Liceu vestida e por acaso era prima desse meu colega. Note-se que na época os rapazes tinham, no meu Liceu, aulas à tarde e as raparigas, aulas de manhã.

Mais tarde, já na Faculdade, comecei a tomar consciência do disparate, da pequenez intelectual, da tacanhez de um regime que iria acabar, andava eu no terceiro ano.

... depois de ABRIL

Depois do dia 25 de Abril de 1974, tudo mudou com convulsões, desmandos, mas com uma vontade popular de alterar a situação que levou tudo e todos a acreditarem nesta mudança.

Penso que as mulheres são as maiores beneficiárias desta mudança, pois vivíamos, no que diz respeito à convivência entre homens e mulheres numa época de trevas.

Também o fantasma que pairava sobre tantos jovens dessa época, o terem de ir para o "Ultramar" como era dito na época, para uma guerra que dizia muito pouco e a muitíssimo poucos, também me parece muito importante.

Tudo parecia uma panela de pressão que de repente era aberta e havia explosões de alegria por todo o lado!

Luís Ribeiro